

três por quatro

Jornal Laboratório

FABICO - UFRGS

Novembro de 1993



MARIE ANGE BORDAS



MORTE

Editorial

O país do carnaval, do futebol e dos papagaios está habituado a se vestir de preto. Chacinas, massacres, linchamentos, crimes, enfim, mortes, fazem parte da dieta cultural diária dos nativos verde-amarelo. O Brasil está exportando a morte via satélite para todo o planeta. A banalização do assunto, contudo, não desvenda o mistério. Vista no tubo da TV ou nos jornais, a morte é sempre a dos outros. Falar sobre a indesejada desperta uma estranheza que ronda a aflição e o mal estar.

Durante toda a História a morte inspirou poetas, filósofos e artistas, amedrontou sábios e pairou como um espectro sobre a consciência ocidental. "Incapazes de escapar da morte, os homens previniram-se não pensando nela, ignorando-a", afirmava Pascal. Ignorar a morte é a atitude mais freqüente, o que a torna o tabu mais misterioso da vida. Por isso, ao enunciá-la, estamos trazendo à luz um fenômeno da natureza que os vivos insistem em manter na penumbra do inconsciente. Entre a morbidez e o sensacionalismo, a morte aqui é apenas uma pauta jornalística.

Da religião às artes, passando pelo comércio e o olhar distinto daqueles que fazem da morte um ofício de subsistência, cada reportagem foi desenvolvida individualmente. O TRÊS POR QUATRO como obra coletiva é o conjunto de vários pontos de vista. A linha editorial foi definida apenas pelo tema.

Expediente

Jornal Laboratório dos alunos do sétimo semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Elaborado pela turma 1993/2 de Produção e Difusão em Jornalismo Gráfico sob a supervisão dos professores Mário Rocha e Rubens Weyne.

Produziram esta edição:

Alexandre Rocha, Ana Cristina Beheregaray, Ana Lúcia Kist, Anete Petrush, Carla de Andrade, Cláudia Borges, Denise Garcia, Fabricio Carpi, Gerson Brisolara, Laura Gliet, Marcelo Araújo, Marcelo Silveira, Marie Ange Bordas, Mônica Kanitz, Nelson Furtado, Paulo Ramos, Sylvia Santibañez.

Agradecimentos:

Santiago, Allan Sieber.

Chefe do Departamento de Comunicação: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Profa. Ana Maria Dalla Zen
Reitor da UFRGS: Prof. Hélgio Trindade
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Bairro Santana - CEP 90035-007, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Composição e Diagramação:

Núcleo de Editoração Eletrônica - Fabico

Impressão: Gráfica da UFRGS

Crônica

"Todos os dias morro um pouco."
Jiddu Krishnamurti, místico indiano

A Morte Festejada

Milhares cruzam pelas ruas estreitas que levam às dezenas de prédios do Jardim Barbacena, na zona norte de Porto Alegre. Gente de classe média mora ali, espia o mundo através de altas grades e mal troca cumprimentos com os vizinhos.

O vizinho do 444 viveu anônimo por anos. Tipo estranho, quieto, meia idade, ninguém sabia nada sobre ele e nem poderia imaginar que, um dia, seria o centro das atenções de toda a

MARIE ANGE BORDAS



comunidade. Suas passadas silenciosas pelos corredores só eram testemunhadas pelas vizinhas curiosas, valendo-se de portas entreabertas e da cumplidade de olhos mágicos, passo inicial na formação do "voyeur" urbano.

Pois foi em uma terça-feira (poderia ter sido na segunda, na quarta ou mesmo no domingo, não vem ao caso, mas foi numa terça-feira), que um colega de trabalho do vizinho do 444 veio bater na porta do zelador.

Disse o que todos já imaginavam: que trabalhava há quarenta anos na mesma empresa e no mesmo cargo; que pouco falava; que não fazia amizades nem saía com o pessoal após o expediente... E assim por diante. Mas acrescentou uma informação nova e, como se verá adiante, vital: há oito dias não comparecia ao trabalho.

Os acontecimentos começaram a ganhar rapidez. O zelador bateu em várias portas para saber do morador do 444, as pessoas saíram para os corredores. Uma velhinha garantia que ele se chamava Mário... Um gordo, com

brotoejas e camiseta de física, afirmava que tinha 57 anos... Nunca se soube tanto sobre o vizinho do 444. Foi quando surgiu a vizinha da porta ao lado. Como estavam todos reunidos, inclusive o zelador, e que o assunto era o 444, ela pôde reclamar do mau-cheiro que sentia há dias. Não queria se meter na vida alheia, mas achava que o "fedor" vinha do 444.

Todos chegavam até a porta e farejavam o ar. Alguns encostavam o nariz no espaço entre a pedra fria e o fim da madeira. "É mesmo um mau-cheiro infernal e vem daqui", confirmavam.

Teria o vizinho do 444 viajado e esquecido algum alimento fora da geladeira? Ou teria morrido em silêncio, como sempre viveu? Esta última possibilidade começou a tomar corpo e a substituir a tensão por uma mórbida euforia.

Os moradores estavam vivendo emoções que só conheciam pela televisão. Iriam sair do anonimato e ser notícia na imprensa. Uma vizinha já se oferecia como testemunha quando chegassem as câmeras de tevê. Teria 15 minutos de fama, como Andy disse que uma vez todos teriam.

A vizinhança agitada trilhava os corredores, levava e trazia informações, boatos, propostas. A solução do mistério implicava uma decisão delicada: arrombar a porta do 444 ou chamar a polícia. Quem se comprometeria com algo tão grave, envolvendo a propriedade de alguém que mal conhecia? Depois viriam depoimentos na delegacia, suspeitas, incomodações... Até hoje não se conhece o autor do telefonema anônimo, mas os policiais chegaram enquanto ainda não havia sido tomada uma decisão.

Muitas horas mais tarde, apenas uma vizinha do segundo andar testemunhou a retirada do corpo. Ouvia um barulho surdo e compassado no corredor. Arriscou conferir o que estava acontecendo pelo olho mágico. Os agentes do IML arrastavam o cadáver pelas escadas. A cabeça batia nos degraus, espirrava um líquido preto que respingava nas paredes e portas do prédio, deixando um rastro nas escadas e corredores.

O dia seguinte trouxe de volta a rotina. Mas a excitação dos momentos vividos com o mistério do 444 iria permanecer na memória da vizinhança. Um dia de glória que retirou do anonimato os moradores do Jardim de Barbacena e os fez viver situações que antes só testemunhavam na telinha da tevê. (Cláudia de Paula Borges)

As lâmpadas estão acesas

A sala de espera não tem janelas. Tem a mesma estrutura coercitiva das solitárias dos hospícios. As portas são paredes, a luz é parede, a dor é parede. Não sou capaz de imaginar nada além do meu corpo. "Acenderam como uma lâmpada elétrica, durante dias não poderia me lembrar se tinha vivido, porque nem sabia que eu ainda tinha memória". O desabafo de Sylvia Plath, após a sua terceira sessão de eletrochoque me impossibilitava de pensar. Tentava encontrar uma fresta em suas palavras. Mas era como a sala de espera. Um cone branco, compacto, centrípeto. O paciente sai sem a sua sombra. Um quadro com barcos ancorados em uma praia, pendurado sobre o sofá, dá a sensação de normalidade. Logo ela é quebrada, os pescadores não passam de pinceladas apressadas, sem traços.

Trinta minutos de espera, até que o Dr. Mauro Faerman decide me atender. Ele parece um personagem do cinema expressionista alemão. Tanto pelo rosto impassível, montanhês, como pela crença mórbida, eletrochoque na cura da depressão. Automeia-se "bombeiro da psiquiatria". Tem 25 anos de "incêndios". Começou analisando alcólatras crônicos - recebeu o prêmio Paulo Luiz Viana em 75. Hoje atende suicidas em potencial em seu consultório particular, na Rua Dr. Timóteo.

Fabrizio Carpi - Os familiares de um suicida registram no atestado de óbito uma consequência do suicídio, ao invés do próprio suicídio. Quais são os motivos que levam a família a esconder o suicídio?

Dr. Faerman - Cem mil mortes por ano não são relatadas, principalmente por motivos religiosos. O motivo da mentira não é o conhecimento público do suicídio, pois todo mundo fica sabendo, mas o conhecimento público pela congregação religiosa do morto. A religião serve como mecanismo de contenção do suicídio. Tem muita gente que deixa de se matar porque quer ir para o paraíso. A Igreja Católica manda para o inferno quem se suicidou. Os judeus chegam a colocar os suicidas ao lado dos assassinos.

F.C. - Como é diagnosticado a possibilidade de suicídio nos deprimidos?

Faerman - Os familiares do deprimido me procuram. Eles pressentem a morte. Através deles, percebo que a pessoa apresenta uma série de sintomas que o colocariam naquilo que se chama Depressão Maior

F.C. - Quais são os sintomas?

Faerman - O primeiro sintoma seria o humor deprimido. O segundo não ter prazer em nada na vida. O terceiro, insônia ou hipersonia. Quarto, retardo ou agitação psico-motora. O quinto item seria a indecisão. É o último, o pensamento obsessivo em morte. A pessoa começa a imaginar minuciosamente a sua morte.

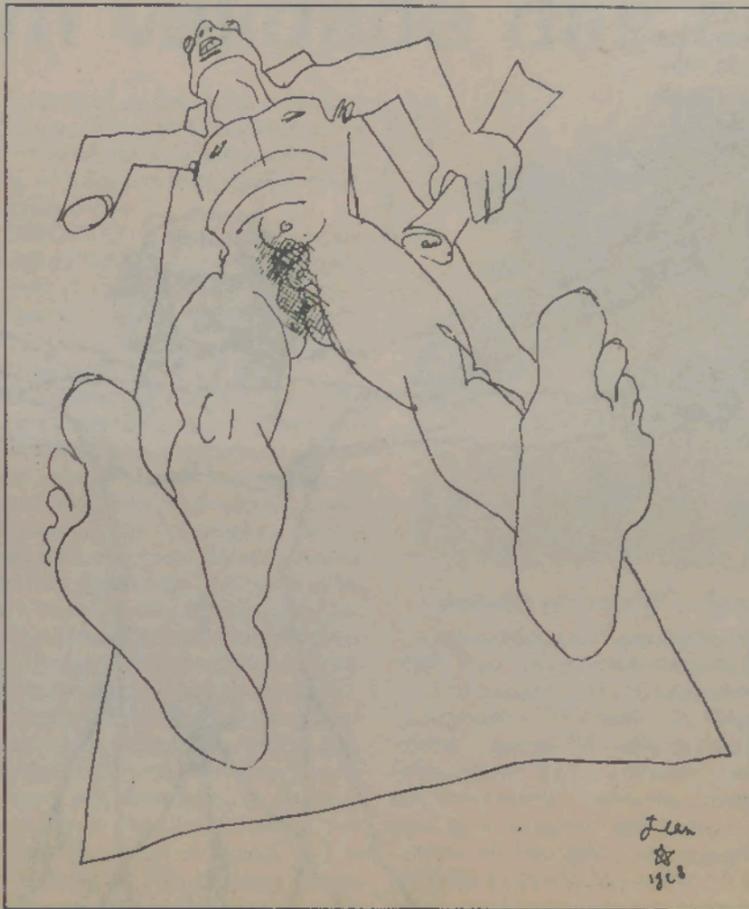
F.C. - Os pacientes com Depressão Maior estão biologicamente enfermos?

Faerman - Não, eles chegam emocionalmente doentes.

F.C. - O que o médico Faerman faz para prevenir o risco de suicídio?

Faerman - Eletrochoque. A percentagem de uso é de 92,8% contra 30% dos remédios anti-depressivos. Isso segundo o médico norte-americano Caplan. A dúvida que existe é se devem ser usados os anti-depressivos ou o eletrochoque, conhecido por E.C.T (Eletro Convulsão Terapia). O anti-depressivo não alcança o neurotransmissor. Depois de uma semana, estimularia o paciente a acionar o gatilho. O E.C.T pega todos. Ele tira as substâncias depressoras do sistema nervoso. Além de ser feito ambulatoriamente, não há a necessidade da hospitalização do paciente.

F.C. - E é feito de quanto em quanto tempo?



Faerman - Um dia sim, um dia não.

F.C. - Por quantos dias?

Faerman - Seis a dez aplicações. O critério universal é o seguinte: quando o paciente melhora, geralmente na terceira aplicação, ele já está fora de risco.

F.C. - O E.C.T não provoca efeitos colaterais, como a amnésia?

Faerman - No Eletrochoque, a alteração de memória varia muito de indivíduo para indivíduo. Há pessoas que não tem alteração nenhuma de memória. Outras vão ter uma alteração durante um período que pode ir até oito meses: dificuldade de fixar coisas, de se recordar do passado. É muito variável. Eu diria assim: em torno de 10% dos pacientes vão ter uma alteração até severa e uns 50% não vão ter alteração de memória nem daquele dia correspondente ao da aplicação.

F.C. - Como o senhor acode estes que ficam com problemas de memória?

Faerman - Não é feito nada. Não tem nada para fazer. É um problema biológico. Geralmente se observa que esta alteração de memória ocorre com pessoas muito agressivas ou muito tensas.

F.C. - Quanto custa o E.C.T?

Faerman - É muito caro. Custa em torno de 300 dólares a aplicação. Só o anestesista cobra 200 dólares. O E.C.T é feito sob anestesia geral.

F.C. - O E.C.T tem contra-indicações?

Faerman - Duas. O paciente não pode ter tumor cerebral ou infarto de miocárdio.

F.C. - O que é recomendado as pessoas que tentaram o suicídio, estão em uma depressão maior e não tem dinheiro para pagar este tratamento?

Faerman - Ai, não tem tratamento comigo.

F.C. - No primeiro contato já o recusa?

Faerman - Não deixo de fazer uma avaliação. Mas muitos não aceitam por preconceito. A palavra "choque" mete muito medo. Muitos psiquiatras não sabem o que é E.C.T. Eu acredito que estes psiquiatras seriam condenados por negligência médica nos E.U.A. O preconceito impera aqui em detrimento dos pacientes. Só há grande alteração de memória quando é feito

o E.C.T bilateral. Eu costume fazer o unilateral. Quando não surte efeito até a quinta aplicação, uso o bilateral.

F.C. - Há um temor cristalizado da sociedade com relação ao E.C.T, principalmente no meio artístico. Vários poetas foram tratados com E.C.T e voltaram decididos a acabar com a própria vida. Um exemplo é a poeta americana Sylvia Plath que foi tratada aos 19 anos... (Ele levanta a voz e interrompe).

Faerman - Esse negócio de poeta é cinematográfico. Ele quer chamar a atenção. Quando a pessoa ganha 5% do peso em duas semanas, o E.C.T é o mais indicado. Paciente que tem constipação intestinal, mais baixo estima, mais falta de apetite sexual é um virtual candidato ao E.C.T. Quando mais a pessoa quer se destruir, melhor o resultado do E.C.T. Se o resultado não foi bom com aquela artista, vamos dizer, ela poderia ter sido uma histérica, que não é incomum entre os artistas.

F.C. - E os bilhetes de adeus, deixados pelos suicidas aos familiares. A psicoterapeuta paulista Maria Luiza Dias, escreveu um livro sobre estes bilhetes... (Novamente levanta a voz)

Faerman - Não me interessa. Eu trabalho no Pronto Socorro Emocional. Eu não quero nada com isso. O que me interessa é avaliar se existe ou não a vontade do suicídio. É simples. Faça isso da maneira mais objetiva possível. O que aquilo significa psicologicamente, não quero sa-

ber.

F.C. - Qual é a sua postura frente ao livro "Suicídio, modo de usar", publicado na França e que chegou ao Brasil em uma edição portuguesa, um manual de instruções que explica ao deprimido como não falhar ao tentar o suicídio?

Faerman - Não estou preocupado com a loucura de quem encaminhou a idéia de morte ao paciente. O culpado não é quem escreveu o livro. O livro não vai aumentar o índice de suicídio. O paciente, com ou sem o livro, vai se matar igual.

F.C. - Como vê os outros métodos de prevenção do suicídio, como a Associação Anônima dos Amigos Samaritanos?

Faerman - Ela não existe. Não está citada em nenhum livro de medicina.

F.C. - Um tratamento simultâneo com a família ajudaria o deprimido a afastar a idéia de autodestruição, principalmente após o E.C.T?

Faerman - Não tenho esta experiência. O problema é do paciente. Sou responsável pela questão da bioquímica.

F.C. - Quais são os piores casos?

Faerman - Os que já tem um histórico na família. Tive um caso na qual o paciente teve oito irmãos que se mataram. Um atrás do outro. Todos se enforcaram. Essa pessoa não fez E.C.T comigo. Eu era estudante de Psiquiatria na época. Quando a família é uma constelação de suicídio é barra pesada.

F.C. - O poeta francês Jouffroy interpretou o suicida como dois sujeitos distintos: "aquele que mata não é idêntico ao que está morto". É possível separar no suicida a vítima do assassino?

Faerman - Não. Isto é entedimento analítico. Um exemplo famoso é o analista Arnaldo "Raskovic". Ele trata através do chiste. Um sujeito quer dar um tiro na cabeça e ao invés disso, é incitado a dar um tiro na fotografia da namorada. É uma compensação. Para quem trabalha na área de urgência não deve interessar o entendimento. Interessa apagar o fogo. Sem contar que com o E.C.T (ri-com exagero), o paciente não perde o emprego. (Fabrizio Carpi)

Eutanásia, uma morte humanitária

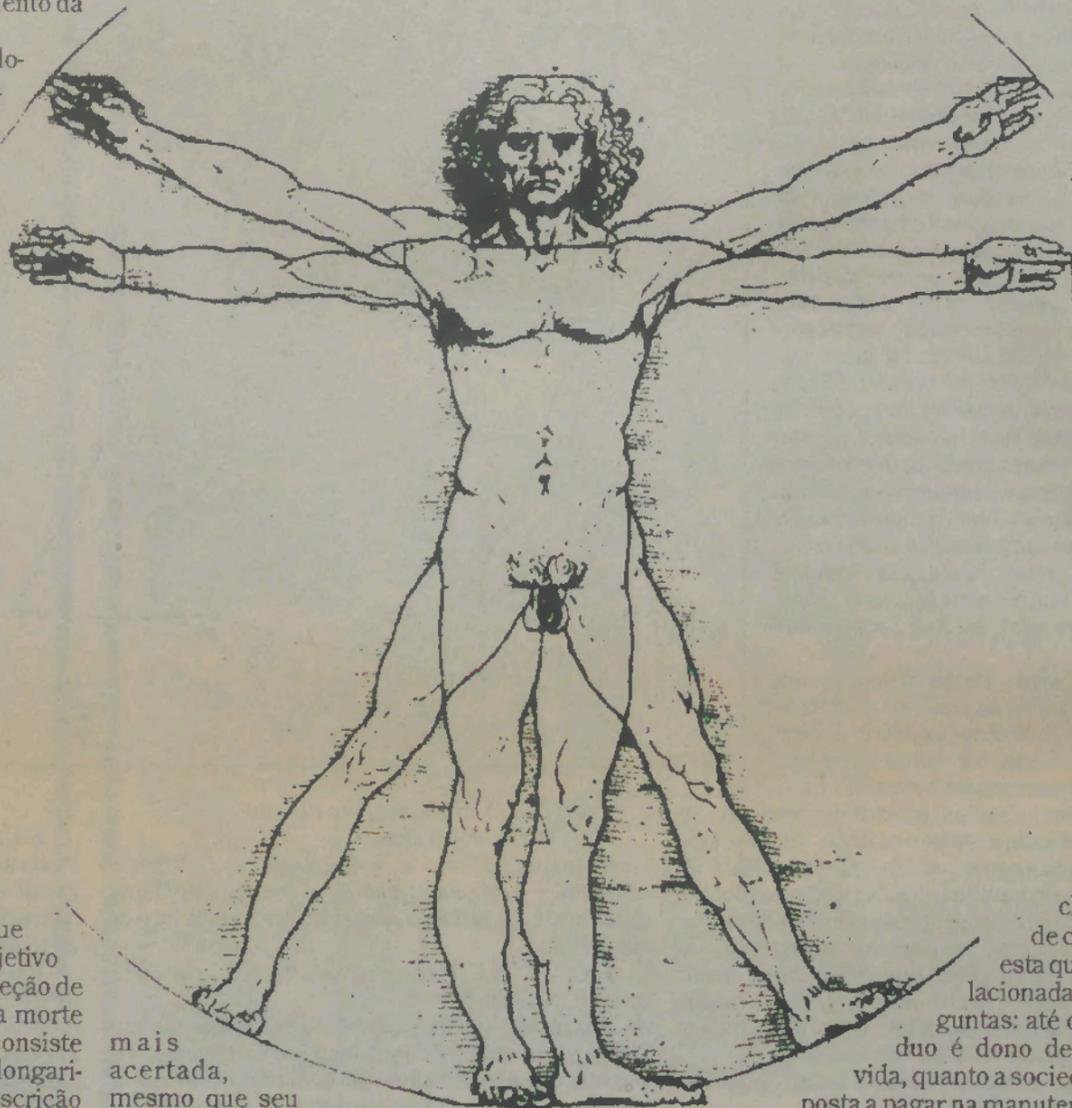
O desenvolvimento de tecnologias avançadas que permitem manter artificialmente a vida coloca a medicina diante de um desafio que ultrapassa a esfera científica: a necessidade de definir os limites éticos e morais para o prolongamento da vida humana.

A inviabilidade de recuperação em doentes que fatalmente evoluirão para uma morte sofrida faz com que seja discutida a pertinência da antecipação da morte. Nesse contexto, a eutanásia representa uma maneira de reduzir o tempo de angústia do doente, proporcionando-lhe uma morte sem dor. A palavra, de origem grega, significa morte generosa, sem sofrimento ou boa morte. A prática da eutanásia foi proibida a partir da Idade Média, devido a influência de valores cristãos difundidos pela Igreja. Hoje, com o desenvolvimento de suportes artificiais, a discussão da medicina está centrada em uma questão que, certas vezes, antecede a decisão de praticar ou não a eutanásia. O que os médicos questionam é até quando devem empregar recursos para prolongar a vida de pacientes sem perspectivas de cura.

O anestesista e membro do Conselho Regional de Ética Médica do RS Luiz Angelo Bortolon explica que existem dois tipos de eutanásia: a ativa e a passiva. Eutanásia ativa é aquela em que o médico toma uma atitude com o objetivo específico de matar o paciente, como a injeção de uma dose alta de morfina, que provoca a morte em poucos minutos. Eutanásia passiva consiste na inexistência de providências que prolongariam a vida, como, por exemplo, a não prescrição de antibióticos para um paciente com broncopneumonia grave. Enquanto a eutanásia ativa é o resultado de uma atitude objetiva do médico, a eutanásia passiva é a consequência da omissão de medidas, que acaba provocando a morte.

O Código de Ética Médica, no art. 57 do Capítulo V, que trata da relação com pacientes e familiares, diz que é vedado ao médico "deixar de utilizar todos os meios disponíveis de diagnóstico e tratamento a seu alcance em favor do paciente". Bortolon diz que o Conselho de Ética estabelece que estes meios só devem ser usados para a melhora do paciente. A partir do momento em que isto passa a ser inviável, o médico está eticamente autorizado a não iniciar procedimentos que envolvem recursos extraordinários de suporte, o que, para ele, não se caracteriza como eutanásia.

O professor de Medicina Legal Genival Veloso de França, na obra *Direito Médico*, afirma que, legalmente, os limites entre a suspensão de tratamento para não prolongar a vida de um incurável e a eutanásia não estão definidos de forma precisa. Ele considera que "o dever de prolongar a vida, em tais casos, depende das relações médico-paciente-família. Seria um problema puramente de ordem moral, e o médico estaria livre para decidir, em cada caso particular, por si mesmo, e por sua própria consciência, a conduta



mais acertada, mesmo que seu Código de Ética preceitue que o médico não pode contribuir, direta ou indiretamente, para apressar a morte do paciente".

A chefe do CTI Clínico Cirúrgico do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Silvia Vieira, acredita que é preciso definir legalmente quando o tratamento de pacientes sem perspectivas de cura pode ou não ser suspenso. Essa definição, para ela, precisa ser feita com urgência, já que existem cada vez mais pacientes com doenças graves para uma quantidade insuficiente de leitos. Segundo ela, essa situação gera a necessidade de priorizar o atendimento dos pacientes que apresentam maiores chances de sobrevivência, em detrimento de outros, com chances menores. Considerando esse contexto, ela admite que, talvez, em certos casos, quando se constata que o paciente não é recuperável depois que ele já está sendo mantido por suportes artificiais, o tratamento seja suspenso, para que outros, potencialmente recuperáveis, possam ser atendidos.

O questionamento da medicina atual não é apenas quanto a justificção ou não da eutanásia, afirma o anestesista e vice-presidente do Sindicato Médico do RS Flávio de Agosto. A discussão, diz ele, é bem mais ampla e requer a participação da sociedade para definir as restrições do emprego de meios artificiais para manter viva uma

pessoa sem chances reais de cura. Para ele, esta questão está relacionada com três perguntas: até onde o indivíduo é dono de sua própria vida, quanto a sociedade está disposta a pagar na manutenção de vidas questionáveis e até que ponto os médicos, do ponto de vista técnico, estão preparados para estabelecer os limites reais em que as coisas devem continuar ou terminar.

O que existe de mais moderno com relação a esse assunto na orientação ética da medicina de todo o mundo, segundo Bortolon, é o que foi estabelecido pela encíclica do papa Pio XII, em 1957. A encíclica determina que o médico tem o dever de empregar os cuidados necessários para a vida e a saúde, mas que este dever, habitualmente, só obriga ao emprego dos meios ordinários.

O Código de Ética Médica refere-se à eutanásia no art. 66 do capítulo V, onde fica estabelecido que é vedado ao médico utilizar, em qualquer caso, meios destinados a abreviar a vida do paciente, ainda que a pedido deste ou de seu responsável legal". Bortolon acredita que o médico não precisa incidir na eutanásia, se evitar que o paciente sofra inutilmente com o prolongamento da vida através de meios extraordinários, quando a morte for inevitável.

No Brasil, a eutanásia, em qualquer circunstância, é considerada homicídio piedoso, que é punido pelo art. 391 do Código Penal. A pena varia entre seis e 20 anos, mas o juiz pode atenuá-la, se considerar o homicídio cometido "por relevante valor social ou moral". (art. 121 parág. 1) (Ana Lucia Brochier Kist)

Trânsito: 1.080 mortes em 9 meses questionam validade das campanhas

"Num acidente de trânsito, existe um barulhão. Nas frações de tempo que se seguem, ao contrário do que eu imaginava, não senti dor, nem pânico. Naqueles momentos de cambalhotas, passaram, como se fosse num filme, os momentos importantes da minha vida. Tive consciência do fato quando vi meu pé esquerdo com a ponta voltada para trás. Não senti dor. Tratei logo de sair de dentro do carro, pois temi que o mesmo pegasse fogo."

Antônio G.F. não morreu, porém outras 1.080 pessoas no Rio Grande do Sul, nos últimos 9 meses, não puderam fazer relato semelhante. Diante disso, questiona-se o resultado das campanhas de educação para o trânsito. Apesar do número de acidentes ter diminuído, a quantidade de vítimas fatais foi maior, isso mostra que o trânsito esta cada vez mais violento. Levantamentos estatísticos realizados pelo Departamento de Polícia Rodoviária Federal (PRF), Batalhão de Polícia Rodoviária da Brigada Militar, Departamento de Trânsito (Detran) e Polícia Civil, indicam que em relação ao mesmo período de 1992, houve um acréscimo de 3% no número de mortes em rodovias federais e estaduais, e nas ruas de Porto Alegre.

Os acidentes de trânsito aumentam em determinados períodos do ano, os meses críticos são dezembro, janeiro e fevereiro - período de férias -, e junho, julho e agosto - período de chuvas. Durante a semana, o dia de maior número de acidentes é o sábado. Os horários de maior incidência são das 13h às 15h e das 18h às 21h.

Os principais fatores que causam acidentes são o motorista alcoolizado, a alta velocidade e a ultrapassagem indevida, infrações identificadas como sendo do Grupo 2.

ESFORÇO - Para resolver os problemas da violência no trânsito existe um esforço concentrado das autoridades ligadas à área, que se subdivide em campanhas educativas, fiscalização e engenharia de tráfego.

As campanhas educativas acontecem geralmente durante a Semana do Motorista, em julho, Semana do Trânsito, em setembro, e em dias marcados para a conscientização no trânsito, como no último dia doze de outubro. Nestas campanhas, policiais rodoviários levam às escolas filmes e atividades dirigidas para o trabalho com as crianças. Buscando a conscientização dos motoristas e pedestres nas ruas da capital, a Secretaria Municipal dos Transportes (SMT), distribui panfletos educativos e placas pela cidade que chamam a atenção para o problema. Nos pontos em que ocorrem mais acidentes o Detran costuma colocar carros demolidos, também com o objetivo de alertar os motoristas menos cuidadosos. Nos diversos postos de policiamento rodoviário, motoristas infratores são convidados a assistir filmes educativos ou exposições de fotografias em que aparece gradualmente a violência dos acidentes, até mesmo com corpos mutilados.

Com relação a esta técnica, o ex-patrulheiro da PRF, Gesni Ferreira da Silva tem algumas críticas. "Mostrar desgraça para os outros não ensina ninguém", diz. Ele acredita que esta

PEDRO DREHER



"Pedagogia do Terror". Fotos de impacto para educar infratores.

"pedagogia do terror" não muda o comportamento de motoristas infratores.

O comandante da 1ª Companhia de Policiamento Rodoviário da Brigada Militar, Capitão PM Alberto Isaías de Brito, afirma que a educação para o trânsito está relacionada com a responsabilidade social de cada um, e que deveria ser trabalhada no conjunto de matérias do currículo escolar. "É uma tarefa que envolve um programa educativo mais abrangente, desenvolvendo o respeito individual por seu semelhante, ou seja, estabelecendo o limite onde finda o seu direito e começa o seu dever com o próximo", acrescenta.

A engenharia de tráfego abrange desde a estrutura da rodovia até a sua sinalização visual. Muitas vezes não é suficiente a presença do policial nos

"pontos negros" - locais de grande número de acidentes, como o entroncamento de rodovias no Bairro Scharlau, em São Leopoldo. Em casos, como este, é necessária a utilização da engenharia de tráfego na modificação da circulação ou até mesmo na construção de obras que venham dar maior segurança no fluxo de veículos.

A fiscalização é feita pelos policiais rodoviários com o emprego da Lei. Para o Inspetor da PRF, Jairo Klein, a punição pecuniária, que atinge o homem na sua parte mais vulnerável, o bolso, ainda é a que surte melhores efeitos. No caso de motoristas infratores reincidentes o valor das multas cresce geometricamente, incluindo a apreensão da Carteira de Habilitação quando ocorrer a terceira infração enquadrada no Grupo 2. (Carla Fernandes Silva)

O acaso resolve um crime violento

Nós somos mal preparados para a vida. Para a morte nem se fala. É, falar da morte nos dá um nó na garganta e nos aperta o sapato, é muito incomodo. Falar de mortes estranhas é ainda mais difícil. Para o delegado Ivair Maynard, da Divisão de Investigação, todas as mortes são estranhas e simples, é só achar a resposta certa. O delegado lembra de um duplo homicídio que ocorreu na beira da free-way. "Um casal foi encontrado morto a facadas. Eles tinham saído de casa por volta do meio-dia, de carro, para ir ao médico. Não tinham inimigos e, segundo os vizinhos, se davam bem. O carro tinha sumido, não sabíamos como eles tinham ido parar na free-way, assalto não era, pois eles tinham seus pertences intactos", contou o delegado. Se passou uma semana e nada, parecia mais um caso insolúvel.



MARIE ANGE BORDAS

Os policiais da delegacia de homicídios resolve-

ram ir mais uma vez ao local, a última. Quando chegaram no local havia um ônibus estacionado, apenas com o motorista. O delegado Ivair já estava descendo o acostamento quando o motorista do ônibus o chamou. "Vieram ver onde o homem matou a mulher", falou o motorista. O delegado resolveu interrogar o motorista. Este contou que foi testemunha ocular, viu quando o homem arrastou a mulher para fora da estrada. O carro tinha ficado estacionado do outro lado da pista e foi recolhido, antes dos corpos serem encontrados, ao posto da polícia rodoviária de Gravataí. A explicação: O marido matou a mulher e depois se suicidou, as razões não se sabe bem mas o crime foi resolvido por uma feliz coincidência, a polícia e a testemunha se encontraram uma semana depois no local do crime.

CAUSA MORTIS - Existem crimes que não foram explicados como é o caso *Daudte* e *Kliemman*. Em outros, nem sempre existe um assassino. As causas da morte é que são o bizarro. Este é o caso da morte de uma médica do Hospital de Clínicas e suas duas filhas afogadas na avenida Nilo Peçanha, em Porto Alegre, quando o carro em que estavam foi arrastado pela força das águas de um temporal. Em Rio Grande no final dos anos oitenta, também chovia, o capataz chama o engenheiro para fiscalizar os geradores e transformadores de alta-tensão da fábrica. Ele aponta para o problema e morre. Ele não conhecia o poder das

pontas. A eletricidade que dá a luz, mata. Um comerciante de cachoeirinha, cansado de ser roubado, eletrificou as janelas de sua casa, uma menina de quatorze anos morreu ao tentar roubar um shampoo.

É, a gente morre por qualquer besteira, um par de tênis, uma carteira de cigarros ou dez cruzeiros. Há tempo que se diz... *prá morrer, basta estar vivo*.

SUICÍDIOS - Mas para alguns estar vivo é que é o problema. Cansados de seus problemas, procuram tirar a própria vida. Em Porto Alegre, só no primeiro semestre de 93 mais de quarenta pessoas se suicidaram, um quarto das mortes violentas (exceto as de trânsito) ocorridas no mesmo período.

Uma funcionária do IML lembra do caso de um operário que foi encontrado morto num barraco de Alvorada em 1990. "Ele tinha uma corda, que passava por uma viga do barraco, amarrada no pescoço e no tornozelo, ao lado do corpo havia uma garrafa de cachaça. Foi uma obra de engenharia", disse a funcionária. "Ele se amarrou e se embbedou. O corpo se afrouxou devido a bebida e a corda apertou causando morte por asfixia".

Na primeira semana de outubro, deste ano uma jovem se suicidou quando fazia amor. Ela pediu ao namorado para buscar um copo d'água. Quando ele voltava ao quarto, só teve tempo de ver os pés da jovem passarem pela janela acompanhando o resto do corpo que caía. Morrer é estranho. (Marcelo Silveira)

Quando Apolo encontra Tanatos no patropi

MARIE ANGE BORDAS

A morte não causa espanto aos compositores da música popular brasileira, nem é considerada um tema tabu. Muito pelo contrário. Tanatos se revela uma excelente fonte de inspiração tanto para a lira dos melodistas quanto para os versos dos discípulos de Apolo.

A morte dá música. Dá samba. Também dá canção de protesto, balada, tango, marchinha carnavalesca, samba-canção, música rancheira e até rock n'roll. Os compositores não recorrem apenas às juras de amor, aos barquinhos, aos cafés da manhã, fios de cabelo ou aos chopp-com-batatas-fritas para manifestar poeticamente sua arte. A melancolia, tragédias pessoais e uma pitada de sensacionalismo já produziram diversos sucessos para a posteridade. Graças a estes ingredientes, a morte forneceu clássicos musicais válidos - sem ironia nenhuma - para toda a vida.

A pré-história da parceria morte/compositores tem seu marco inicial em meados da década de 30, com Noel Rosa. Tuberculoso, viria a falecer em 1937. A característica principal da última fase como compositor era as letras tristes e sentimentais. Um exemplo é *Fita Amarela*, onde Noel Rosa encara vida e morte de maneira irônica: "quando eu morrer, não quero choro nem vela/ quero uma fita amarela, gravada com o nome dela./ se existe alma, se há outra encarnação/ eu queria que a mulata sapateasse no meu caixão/ não quero flores nem coroas com espinho/ só quero choro de flauta, violão e cavaquinho."

MORBIDEZ CADENCIADA - Em determinada fase da sua criação, os sambistas têm uma obsessão pela morte. Ataulfo Alves, falecido em 68, evidenciou isso em *Dia Final* e *Na Cadência do Samba*, duas músicas de temáticas parecidas, a do sambista veterano que, pressentindo a sua hora final, declara que deseja morrer rodeado de alegria e festividades. Os dois sambas são verdadeiros testamentos musicados. No primeiro, Ataulfo quer que no seu enterro o povo vá para a rua, cante e transforme seu funeral num autêntico carnaval. No segundo, ele simplesmente aspira morrer "na bonita cadência de uma batucada de samba".

Nelson Cavaquinho (1911-1985) tinha a morte como permanente musa. A fé de sua poesia trazia uma aguda consciência de finitude. Junto com o parceiro Guilherme de Brito, produziu obras abarrotadas de melancolia e pesar como *Degráus da Vida* (sei que estou no último degrau da vida, meu amor/ já estou envelhecido, acabado/ foram-se meus vinte anos de idade/ já vai longe minha mocidade), *Eu e as Flores* (quando eu passo perto das flores/ quase elas dizem assim/ vai ver que amanhã enfeitaremos o seu fim), *Luz Negra* (e a vida vai seguindo assim/ não tenho quem tem dó de mim/ estou chegando ao fim) e *Quando Eu Me Chamar Saudade* (depois que eu me chamar saudade/ não preciso de vaidade/ quero preces e nada mais), entre outras canções.

Jardineira (Benedito Lacerda e

Humberto Porto) é uma das marchinhas favoritas dos foliões e traz em seu bojo uma tragédia: "ó jardineira, por que estás tão triste/ mas o que foi que aconteceu/ foi a camélia que caiu do galho, deu dois suspiros e depois morreu..." Nos salões e nas ruas as pessoas brincam animadamente o seu carnaval ao som de uma história calamitosa.

ÉPICOS - Chico Buarque lançou o elepê *Construção*, em 1971, quando deixou de lado o lirismo que acompanhou seus primeiros discos e partiu para uma renovação em sua música. A faixa-título narra a trajetória de um trabalhador da construção civil da saída de sua casa até a hora do almoço, quando o operário cai do andaime onde fazia sua refeição e "morre na contramão atrapalhando o tráfego, o público e o sábado."

Ponta de lança do rock brasileiro, a banda Legião Urbana emplacou nas paradas de sucesso uma canção social de protesto com uma letra extensa. *Faroeste Caboclo* foi sucesso absoluto nas rádios comerciais e nos shows. A letra de autoria de Renato Russo conta a história de um retirante nordestino que enfrenta as desventuras de uma cidade grande - no caso, Brasília, a capital federal. O clima da narrativa é um duelo de armas entre o protagonista João do Santo Cristo e o traficante Jeremias, aquele que "desvirginou e fez um filho na sua inocente namorada Maria Lúcia". O embate fora transmitido pela tevê e terminara com a morte das três pontas do triângulo amoroso: "Jeremias, eu sou homem, coisa que você não é/ e não atiro pelas costas não/ (...) e Santo Cristo com a Winchester 22/ deu cinco tiros no bandido traidor/ Maria Lúcia se arrependeu depois/ e morreu junto com João seu protetor."

O terceiro épico é *Joquim*, baseado na vida de Joaquim Fonseca, uma espécie de "Professor Pardal" pelotense que viveu na primeira metade deste século e que, entre seus feitos, teria sido um dos primeiros a inventar o avião. *Joquim* é uma versão de Vitor Ramil para *Joey*, de Bob Dylan. No original, Dylan conta a história de um gangster. Ramil relata as dificuldades pelas quais teria passado o inventor, como inveja, sabotagem profissional e por ter sido um obstáculo contra o interesse de "homens poderosos". E são estes "poderosos" que conseguem destruir Joquim: "deflagrou uma furiosa campanha de denúncia contra os poderosos/ jogou livros e panfletos

do avião/ foi implacável em discursos notáveis/ uma noite, incendiaram sua casa e lhe deram quatro tiros/ do meio da rua, ele viu as balas chegando lentamente."

MÃE É SÓ UMA - As mães têm um destaque na relação morte/MPB. Vicente Celestino alcançou êxito na década de 30 cantando operetas de cunho sentimental. Celestino (apelidado pela imprensa da época de "Caruso de Subúrbio", devido à sua voz de tenor) despertou a compaixão de seus fãs ao cantar a grotesca história do campônio que arrancou o coração de sua própria mãe como prova de amor para a sua idolatrada. *Coração Materno* também repercutiu muito ao ser regravação por Caetano Veloso em 68 para o disco *Tropicália*.

Seguindo o fio da meada, o gaúcho Vitor Mateus Teixeira comoveu o país inteiro quando cantou a verídica e trágica história da morte de sua mãe, Ledorina, queimada no fogo. *Teixeirinha* entrou de sola nas paradas de sucesso das rádios em 1961, desbancando a dominante bossa-nova. *Coração de Luto* ou "Churrasquinho de Mãe", como também ficou conhecida, foi um dos primeiros discos brasileiros a atingir um milhão de cópias vendidas. O fato virou filme e todos puderam ver o gaiteiro gaúcho cantando na tela: "o maior golpe do mundo que eu tive na



Teixeirinha: morte da mãe vende 1 milhão de cópias

minha vida/ foi quando aos nove anos/ eu perdi minha mãe querida."

Um dos baluartes do brega, Amado Batista, tornou-se o novo rei do disco desbancando pela primeira vez em muitos anos o rei Roberto Carlos. Em 1978, Amado cantou a morte de sua mulher, por complicações na hora do parto. *Fruto do Nosso Amor* ultrapassou um milhão de cópias e colocou o intérprete no hall da fama dos astros de periferia como Odair José e Waldick Soriano. Para lembrar: "no hospital, na sala de cirurgia/ pela vidraça eu via você sofrendo a sorrir/ e o seu sorriso, aos poucos se desfazendo/ então vi você morrendo sem poder me despedir."

IRREVERÊNCIA -

Dois compositores marcaram sua passagem nesta dimensão pela irreverência e sem medir palavras. Raul Seixas e Cazuza foram dois típicos artistas malditos, mas com uma legião de admiradores. A morte foi um tema frequente na obra de Raul. Em *Canto Para Minha Morte*, parceria com o imago Paulo Coelho, a morte é tratada como uma bela mulher, ao mesmo tempo

misteriosa e encantadora, que pode surgir de surpresa a qualquer momento. A música, com roupagem de tango executada a la Piazzolla, anuncia como seria o encontro com esta exótica mulher: "vou te encontrar, vestida de cetim/ pois em qualquer lugar/ esperas só por mim." Mas, ao mesmo tempo em que há o desejo, há repulsa: "vem, mas demore a chegar/ eu te detesto e amo/ Morte que talvez seja o segredo desta vida".

Cazuza, vitimado em consequência da AIDS, gravou seu último disco em vida, *Burguesia*, em 89. Dois anos antes, sofreu graves problemas de saúde. E ele próprio afirmou na música *Boas Novas*: "eu vi a cara da morte/ e ela estava viva." Em *Cavalos Calados*, composição de Raul e interpretada por Cazuza, a saúde debilitada de ambos gerou uma letra de achincalhe com as próprias desgraças: "o termômetro registrou, a enfermeira confirmou/ a minha morte aparente."

Líricas, debochadas, narrativas ou simplesmente motivo para uma composição, a morte caminha ao lado dos poetas da MPB, não somente como exploração comercial sentimentalíde mas também como uma forma diferente de manifestação musical. A morte não mata, necessariamente, uma poesia. (Gerson Brisolara)

O pior sintoma da AIDS

Uma certa dose de perigo passou a rondar as relações sexuais a partir do aparecimento da Aids. Os primeiros atingidos foram os homossexuais, o que bastou para a doença ser rotulada como um problema para indivíduos com "desvios de comportamento". Depois de disseminado o preconceito, a descoberta de outras formas de contágio, além do contato sexual, não foi suficiente para anular a aversão que sofrem os portadores do vírus. Por isso, ainda é possível verificar um pensamento coletivo cercado os "grupos de risco".

Esse pensamento reforça a idéia de que, apesar da evolução dos relacionamentos, a Aids não é uma doença de todos, uma vez que vivemos numa sociedade de vida sexual "regrada". O processo de morte do indivíduo portador do vírus da Aids fica carregado de sinais de vergonha e pecado, pela associação da doença com sexualidade fora dos padrões.

Surge, então, a segregação, o preconceito. O indivíduo passa a sofrer, de diversos setores da sociedade, a pressão da morte civil, o pior sintoma da Aids. "Basta que as pessoas saibam que você está com Aids, para conjugar o verbo no passado e dizer coisas do tipo Fulano era tão legal, pena que...", sentença um portador do HIV.

Soma-se a isso demissões sem causa, afastamento dos amigos, dos familiares, etc. O indivíduo passa a ser evitado. Em primeiro lugar, pela falta de informações corretas que leva grande parte das pessoas a pensar que Aids "passa" pelo contato casual (e está provado que só existem três formas de transmissão do vírus: pelo esperma ou secreção vaginal, pelo sangue e pela placenta). E, em segundo lugar, pela dificuldade que tem a sociedade de conviver com uma pessoa que vai morrer.

AMANHÃ - A morte por Aids se apresenta como uma contagem regressiva de dias, meses,

anos. Na verdade, a morte é isso para todas as pessoas, independente de serem soropositivas ou não. Entretanto, para o portador do vírus da Aids, a morte é anunciada, nomeada, visível (pelo menos, por enquanto).

A morte anunciada tem características particulares. Ela pode, segundo o terapeuta e professor universitário Fernando Seffner, redimensionar o olhar sobre a vida, reelaborar as relações sociais, no sentido político da morte civil. "A morte é sempre um tema que obriga o homem a pensar na finitude, a pensar em seu destino, em seu presente, naquilo que está adiando para um amanhã que pode não existir", afirma.

Esse questionamento sobre o amanhã e, principalmente, sobre o hoje é uma constante nas respostas das pessoas com Aids. Uma soropositiva chegou a dizer que nunca esteve com tanto "gás" para a vida. "Vivo intensamente e até me esqueço que tenho o vírus. Só me lembro quando tenho de pedir para o parceiro usar camisinha. Até porque o HIV, por enquanto, só me disse oi estou aqui. Não se manifestou", diz.

Isso reflete a constatação do psicanalista Vinícius Jockmann sobre algumas pessoas trabalharem a questão da morte no sentido de sua historicidade sem limites. Para ele, o homem comum trabalha mal a idéia da morte, às vezes até morrendo psicologicamente.

Talvez compreender a vida seja entender que se vive para morrer, que a vida caminha para morte. Conforme Seffner, que desenvolve sua dissertação de mestrado sobre o tema "A morte e o morrer com HIV", a questão central não é buscar a imortalidade impossível, mas, ao contrário, reconhecer na finitude uma razão de intensidade de vida. "É fazer do fato de que todos somos mortais uma garantia de que teremos todos uma vida plena, no gozo de todos os nossos direitos civis", conclui. (Laura Glüer)

Atividade cerebral determina o diagnóstico da morte

O cérebro é o órgão nobre de toda uma delicada e eficaz estrutura chamada corpo humano, podendo ser comparado ao centro de controle de uma rede de comunicações.

Para a classe médica, uma pessoa só pode ser considerada morta quando cessam as atividades cerebrais, o que é constatado através de um eletroencefalograma, que registra as ondas elétricas produzidas pelas células nervosas do cérebro. A morte cerebral pode ser resultante, por exemplo, de uma parada cardíaca, onde ocorre a falta de oxigenação do cérebro. Neste caso, se não houver a reanimação dos batimentos cardíacos em 4 minutos, o indivíduo já será considerado clinicamente morto. Outra causa de morte é um acidente vascular cerebral, o conhecido derrame,

que interrompe a irrigação sanguínea, podendo paralisar partes do corpo ou cessar as atividades cerebrais por completo. Entretanto, os órgãos vitais (pulmões, coração, rins) de uma pessoa que teve sua morte cerebral constatada podem continuar funcionando por algum tempo, natural ou artificialmente, através da ajuda de aparelhos.

Um caso típico que exemplifica esta questão é o de dona Leda Collor de Mello, mãe do ex-presidente Fernando Collor. Ela está em estado de coma, um estado de inconsciência do qual é difícil retornar, devido a sucessivas paradas cardíacas, o que fez o seu cérebro deixar de funcionar normalmente. Seus órgãos estão sendo mantidos em funcionamento através de aparelhos, mas já houve uma lesão

cerebral irreversível. Se ela voltasse a si teria algumas funções vitais paralisadas, dependendo da região cerebral atingida. Isso porque as diferentes partes do cérebro estão relacionadas com atividades do corpo humano: uma região é responsável pela memória, outra comanda os movimentos, outra torna possível compreender os sons, outra controla a escrita e assim por diante.

Nos tempos atuais, a preocupação em diagnosticar efetivamente a morte tornou-se proeminente com a recente deflagração das campanhas pela doação de órgãos. A questão é até mesmo ética. Se o cérebro não mais funciona, não há porque manter a pessoa viva através de aparelhos ou situações artificiais. (Mônica Kanitz)

Hospitais despreparados impedem doação

Alexandre Martins da Silva Júnior. 14 anos. Morreu devido a um derrame cerebral em 2 de setembro de 1993, vítima de um acidente de carro. Poderia prolongar a vida de pelo menos três pessoas, tirar da hemodiálise mais duas e trazer visão a um cego. No entanto, os pais do adolescente não conseguiram efetivar a doação de órgãos. Os pais de Adriano Vinícius Vieira, 14 anos, morto no mesmo acidente, conseguiram doar apenas as córneas do filho.

Não faltou iniciativa dos familiares das vítimas para que a doação de 2 corações, 4 rins, 4 pulmões, 2 fígados e 2 pâncreas se efetivasse. Os pais de Alexandre, por exemplo, tentaram por três horas encontrar algum setor responsável para receber a doação. O esforço foi em vão. O motivo: eles não sabiam que os órgãos ditos vascularizados (coração, rim, pulmão e pâncreas) só são aproveitados quando mantidos por aparelhos em UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), artificialmente, depois de diagnosticada a morte cerebral. Neste sentido, Adriano só poderia realmente doar as córneas, porque já chegou morto ao hospital. Alexandre, entretanto, poderia perfeitamente ter sido um doador caso o hospital em que se encontrava tivesse estrutura para fazer o diagnóstico de morte cerebral.

SEM CONDIÇÕES - Em Porto Alegre, a Santa Casa, o Instituto de Cardiologia, o Hospital Conceição, o Hospital de Clínicas e o Hospital da PUC são centros aptos a diagnosticar morte cerebral e tomar as conseqüentes medidas. Com isso, só na capital, um universo de 22 hospitais ficam excluídos da possibilidade de reduzir, por ano, a morte de cem pacientes que aguardam transplante no Estado, além de tirar da hemodiálise outras mil pessoas, segundo estimativas da Secretaria da Saúde.

Além da impossibilidade de diagnóstico de morte cerebral, muitos hospitais sequer orientam os familiares quanto à doação. A mãe de Alexandre, Izar Silveira Martins da Silva reclama da falta de informação e do descaso com que foi tratada quando resolveu doar os órgãos do filho. "Estou muito revoltada. Os hospitais que recebem acidentados deveriam ter um assistente social que pudesse nos orientar quanto à doação". Ela sugere que houvesse um telefone acessível a toda a população para esclarecimento e para agilizar o processo.

O enfermeiro Nilo Hoefelmann, da Coordenadoria de Transplantes da Secretaria da Saúde, lembra que, em horário comercial, existe o telefone da Secretaria da Saúde para responder a qualquer dúvida. Há também um número de telefone não público para fins de doação e transplante, distribuído em todos os hospitais. O que acontece comumente, segundo Hoefelmann, é que os hospitais perdem este número ou esquecem que ele existe.

AVIÃO - Quando Izar da Silva decidiu, junto com o marido, pela doação, pensou que seria fácil. Lembrou da eficiência com que foram buscar órgãos em Santo Ângelo para transplante em Porto Alegre, onde até um jato garantiu o sucesso da operação. "Eles foram de avião para Santo Ângelo mas não foram capazes de vir de Porto Alegre a Canoas para buscar uma autorização de doação". O termo de doação serviria para a retirada de córneas.

Nilo Hoefelmann lamenta a situação. Ele explica que a Coordenadoria de Transplantes possui apenas três responsáveis em todo o Estado. Eles dependem da colaboração do corpo clínico dos hospitais. "Nós temos um avião à disposição mas não temos um carro próprio para buscar algum órgão na cidade vizinha", confirma o enfermeiro.

Alexandre poderia ter sido um doador. Isto se estivesse em um hospital de grande porte. Isto se lá houvesse condições de mantê-lo em boas condições respiratórias e circulatórias depois de morto. Isto se o hospital acionasse seu assistente social que sondaria com os pais a possibilidade de doação. Com a autorização dos familiares, se telefonaria para o número que todos os hospitais deveriam saber para então acionar as equipes médicas que realizariam a remoção e finalmente o transplante dos órgãos. (Anete Petrusch)

Nem só de mortos vive o cem

"Se me quiserem amar, terá de ser agora: depois, estarei cansada.

Minha vida

foi feita de parceria com a morte: pertence um pouco a cada uma, para mim sobrou quase nada.

Ponho a máscara do dia, um rosto cômodo e fixo:

assim garanto a minha sobrevida.

Se me quiserem amar, terá de ser hoje: amanhã estarei mudada."

Lya Luft



Fotos: MARIE ANGE BORDAS

têm direito a uma sepultura. "Qual é o nosso objetivo? O de sermos sepultados dignamente, como é de nosso direito e hábito, numa sociedade cristã" (2).

Para o Babalorixá Sidney do Oxalá, a criação dos cemitérios foi mais uma forma de a Santa Sé ganhar dinheiro. "Antes dos cemitérios os corpos eram enterrados em qualquer lugar distante da população, depois, passaram a ser enterrados, ou até mesmo engavetados, em lugares abençoados pelos padres para que as almas ficassem longe dos encarnados, aguardando a ressurreição".

CASA DOS VENTOS E DAS EPIDEMIAS

Ao contrário da Igreja Católica que associa os cemitérios e a morte ao sofrimento, as religiões afro-brasileiras, como a Nação e a Umbanda, os consideram um local de paz e devoção. Para eles, o cemitério é habitado pelos Eguns (almas dos mortos) e governado, de acordo com a hierarquia dos Orixás, por Yansã e Xapanã, entidades que comandam o desenlace, a morte. Xapanã tem o corpo coberto por palhas, que escondem suas feridas. É o Orixá da peste, das epidemias e da varíola. Do meio do cemitério, onde vive, Xapanã, que comanda a morte física, envia aos homens as doenças que lhes serão fatais. Porém, como nas religiões afro-brasileiras todas as entidades são caracterizadas pela dualidade - não existe o bem separado do mal - também é ele quem promove a cura das doenças que cria. Segundo Sidney do Oxalá "apenas as doenças produzidas pelos homens são incuráveis".

Yansã, filha da água, esposa do fogo e da terra, "comanda os ventos, a força dos elementos" (3). É ela quem liberta a alma eterna do corpo mortal. Guerreira, seu exército são os mortos. Sua casa, o cemitério. Lá devem ser feitas as oferendas e os pedidos dirigidos a ela que, Rainha, afasta os maus Eguns.

"Jamais entrei no cemitério à noite. Da minha janela vejo macumbeiros acendendo velas, dançando, chamando os mortos para fazer o mal. Dizem que as bruxarias feitas em cemitérios são mortais, as piores. Não passo nem perto". Marcos Pedreira, 48 anos, mora na Avenida Oscar Pereira, em Porto Alegre, e confessa temer as almas que habitam os cemitérios. Segundo Sidney do Oxalá, "estas preocupações de Marcos são infundadas. A maioria dos serviços feitos nos cemitérios são para o bem. A alma é incapaz de fazer o mal, quem o faz é a mente dos vivos". Os negros tornaram as oferendas feitas nos cemitérios assustadoras para afastar os brancos, que queriam destruir sua cultura e religiosidade.

"Eles provocaram-me com o que não era Deus e irritaram-me com as suas vaidades; eu os provocarei com o que não é um povo e os irritarei com uma nação insensata. Um fogo se acendeu no meu furor, e arderá até

ao fundo da habitação dos mortos, devorará a terra com todos os seus germes e abrasará os fundamentos das montanhas. Eu acumularei os males sobre eles, e empregarei contra eles todas as minhas setas" (DT,32, 21-23).

Estas são palavras das Igrejas ocidentais. Estas são palavras dos brancos.

ART POST-MORTEM

Segundo o professor Harry Rodrigues Bellomo, mestre em História pela PUC/RS e conceituado conhecedor da Arte cemiterial brasileira "é preciso acabar com a idéia de que o cemitério é apenas um lugar de morte, lá tem arte, que é sinônimo de vida". O professor Bellomo realizou um

inventário das mais de 300 obras escultóricas de valor significativo produzidas em Porto Alegre e classificou-as em três grupos:

-Tipologia Cristã - caracteriza a vertente cristã, com seus anjos, santos, crucifixos e pietás;

-Tipologia Alegórica - obras que representam os sentimentos (desespero, consolo) e os princípios religiosos (fé, oração, esperança);

-Tipologia Cívico-celebrativa - vertente positivista que celebra, principalmente, as grandes personagens do mundo político.

Desde os primórdios da civilização, a morte vem associada à arte, na tentativa de vencer o tempo, perpetuando-se a memória. O exemplo mais evidente deste binômio arte/morte vem dos egípcios; mas desde o período pré-histórico a relação da produção artística com os comportamentos sociais e religiosos se mantém através dos tempos.

No Brasil, ainda no período colonial, os mortos eram sepultados nas Igrejas, conforme a tradição da época. Só depois de 1808, é que surgem os primeiros túmulos monumentais. Os cemitérios passam a ocupar espaços no cenário nacional como obra arquitetônica após a Independência. Isto porque o Império proibiu o sepultamento em igrejas.



Jazigo do Pinheiro Machado no cemitério da Santa

Roteiro da arte cemite

Cemitério da Santa Casa de Misericórdia - Avenida

Horário de visitação: das 7h30min às 18h30min.

Inaugurado em 1850, é o mais antigo de Porto Alegre sepultados grandes vultos da história do Brasil, do Estado e d Rocha (quadra 01, túmulo 04), Maurício Cardoso (quadra 01 Pinheiro Machado (quadra 03, túmulo 09), José Plácido de C túmulos 575/577/579) e de Teixeira (quadra 04, túmulo 0 Os jazigos da família Hecker (quadra 01, túmulo 116) e da fam enquadram-se na tipologia alegórica. Na tipologia cristã e Barcellos e da família Moura.

Cemitério São Miguel e Almas - Avenida Oscar Pere

Horário de visitação: das 7h 30min às 18h 30min.

Onde se encontra o mais importante grupo escultórico da da família Mathias Velho (quadra B, túmulo 18). Entre as ob família Py (quadra B, túmulo 22), da família Conte (quadra G, da família Mello (quadra D, túmulo 270) e da família Ramos (alegórica, os jazigos da família Paganelli (quadra F, túmulo

Fonte: Roteiro Turístico Alternativo, EPATUR.

"Tudo o que é da Terra tornar-se-à em Terra. Assim os ímpios cairão da maldição na perdição" (ECL 41,15). Esta é a visão da cultura judaico-cristã, para quem a morte significa prestação de contas, punição aos que não temeram a Deus nem seguiram os desígnios das Igrejas.

A concepção ocidental de cemitério foi introduzida pelos católicos. O seu ritual de morte exige que os corpos sejam velados e sepultados em um campo abençoado por Deus. O cemitério é a propriedade dos mortos paga pelos vivos. Quem não adquirir "a parte que lhe cabe neste latifúndio" (1) não encontra a paz. O cemitério é o local onde os vivos e os mortos participam do ritual da morte, da despedida, do encontro com a origem, de alfa a ômega. Todos os homens

Cemitério

valor as em
Agora os mortos ocupam os Campos Santos, abençoados pelos padres.

O apogeu da escultura funerária no Rio Grande do Sul deu-se entre 1900 e 1940, quando o Estado avança em sua industrialização e produção agropecuária. O ideal positivista da classe dirigente gaúcha se manifestava na construção de jazigos monumentais, que reafirmavam o poder desta classe, atribuindo-lhe características peculiares que a diferenciava dos demais mortais. Esses monumentos eram pagos, em sua maioria, pelo governo do Estado.

Os principais escultores eram de procedência espanhola, alemã e italiana. Raramente escultores do centro do País participavam da produção de estátuas para os túmulos locais.

A partir de 1940, quando os padrões sociais se deterioram e a ideologia positivista acentua seu declínio, inicia-se a decadência da arte cimiterial em Porto Alegre. Chegando à paralisação quase total após 1950. (Alexandre Rocha e Ana Cristina Beheregaray)

NOTAS:

- 1 - Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto
- 2 - Incidente em Antares, Érico Veríssimo
- 3 - Iansã, Caetano Veloso e Gilberto Gil.



a Santa Casa é um exemplo de arte escultórica.

Cemitério em Porto Alegre

Avenida Prof. Oscar Pereira, s/nº

o Alegre é rico em termos de estatuárias funerárias. Ali estão Estado e da capital. Destacamos os jazigos-monumentos de Otávio (quadra 01, túmulo 118), Júlio de Castilhos (quadra 03, túmulo 03), João de Castro (quadra 03, túmulo 591), Daltro Filho (quadra 03, túmulo 04) como representantes da tipologia cívico-celebrativa. Os jazigos da família do Dr. José Carlos Ferreira (quadra 01, túmulo 55) e da família de Ismael Chaves encontram-se os jazigos da família de Ismael Chaves

scar Pereira, s/nº

o histórico da arte funerária da cidade com tema religioso, o mausoléu entre as obras mais relevantes deste cemitério estão os jazigos da família Macedo (quadra G, túmulo 182), da família Ramos (quadra F, túmulo 173) na tipologia cristã. Pela tipologia cristã encontram-se os jazigos da família Rich (quadra D, túmulo 71).

*"Esta cova em que estás com
palmas medida
é a terra que queria
ver dividida."*

*Morte e Vida Severina
João Cabral de Melo Neto*

*"Eram homens ricos
e dotados de força,
solicitos do decoro,
pacíficos em suas casas. Todos
eles alcançaram
glória entre as gerações
do seu povo,
e foram louvados
no seu tempo.*

*Os que deles nasceram deixa-
ram um nome,
que faz recordar
os seus louvores.*

*Há outros cuja memória
já não existe,
pereceram, como se
não tivessem existido
e nasceram,
como se não tivessem
nascido,
eles e os seus filhos."*

(Ec, 44, 6-9)



Rituais da morte em diferentes culturas

Antigas tribos galesas enterravam os corpos em posição ereta para permitir que subissem ao céu. Os vikings, como imaginavam um mundo além-túmulo repleto de combates, sepultavam os guerreiros com armas. Os musterianos, povo dos primórdios da Europa, descendentes da espécie de Neandertal, colocavam alimentos e ferramentas na cova a fim de suprir o morto na vida eterna. Não só objetos eram colocados no túmulo de alguns reis persas. Eles enterravam vivos escravos, mulheres e cavalos para manter a serventia ao soberano. Costumes curiosos, lendários ou até fantásticos para o atual padrão da cultura ocidental.

Independente de adjetivação, esses procedimentos denotam que, já na antiguidade, havia crença na vida após a morte. De acordo com o livro a Clave da Morte, de Jacob Goldberg e Oscar D'Ambrósio, as cerimônias fúnebres surgiram ou para tornar a vida do defunto mais fácil, ou para evitar que os mortos voltassem à terra, assombrando ou se vingando dos vivos.

O funeral já existia no período paleolítico (500 a 18 mil A.C.). Os cadáveres tinham os braços e as pernas entrelaçados e eram amarrados uns aos outros. Depois eram soterrados sobre pedras, tudo com a finalidade de impedir que o morto retornasse para se vingar daqueles que teriam provocado o seu falecimento.

Os cretenses também temiam os mortos. Por isso, procuravam toda a forma de veneração. Enterravam os cadáveres em casas com sala de recepção e capela para o morto orar. Acompanhavam os túmulos, alimentos enfeitados, fogareiros para aquecimento e jogos para a distração do falecido. Inclusive, os alimentos eram periodicamente renovados.

Os orientais e os bárbaros utilizavam a cremação para evitar o temível retorno dos mortos. Até hoje, cremar também objetiva libertar definitivamente a alma do corpo,

considerado impuro pelas doutrinas espiritualistas. Em Bali, ilha da Indonésia, as cinzas da primeira cerimônia são novamente queimadas, pois há a crença de que isto possibilita a elevação da alma a um nível superior da existência.

EGÍPCIOS E BORORÓS - Os egípcios não temiam os mortos. O culto visava promover condições para entrada da alma no reino divino. Existiam requisitos para chegar ao plano da eternidade. Por exemplo, a alma necessitava de um corpo para se manter viva. Eis o motivo da mumificação: conservar o corpo. Inicialmente, a eternidade era concedida aos socialmente privilegiados. Depois, foi estendida a todo o povo. Porém, cada indivíduo passava pelo julgamento perante ao deus Osíris. Se a alma esquecesse algum dos 200 nomes dos deuses seria recusada no reino divino. Também deveria enumerar os pecados que não praticara e os crimes que não cometera. Para evitar qualquer esquecimento, a família escrevia os nomes dos deuses no féretro, ou recorria à magia.

Rituais não são apenas coisa do passado. Quando morre um dogon, membro de uma tribo de Mali, ele é homenageado com cerimônias fúnebres de várias aldeias. Os Kharó, indígenas do vale do Tocantins, preparam uma refeição póstuma para o espírito do indivíduo que morreu com fome. Os Bororó, que vivem no Mato Grosso, deixam de lado as atividades rotineiras para se dedicarem durante várias semanas ao culto do morto. Momentos antes do enterro de um integrante da tribo, os familiares do morto arrancam os próprios cabelos e se cortam, para que o sangue caia sobre o cadáver, envolto numa esteira. O corpo fica enterrado por aproximadamente um mês, quando o esqueleto é desenterrado, os ossos são lavados e colocados numa cesta. Sobre eles escorre novamente o sangue dos familiares. Após, os ossos são pintados, decorados com penas e enterrados em definitivo. (Marcelo Araújo)

Crise econômica atinge as funerárias

A tecnologia de ponta já chegou às funerárias do Primeiro Mundo. Nos Estados Unidos os caixões pós-modernos dispõem de ar condicionado, geladeira e um rádio-transmissor. Tudo para evitar que um erro médico sepulte alguém vivo.

No Brasil o setor funerário corre num rumo inverso. O comércio de artigos mortuários vive uma estagnação. Com a recessão econômica, os fabricantes baixaram o padrão de qualidade dos caixões visando reduzir os preços.

Para o Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços Funerários do Estado do Rio Grande do Sul (SESF), Zélio Bentz de Oliveira, embora o número de atendimentos permaneça estável, a crise econômica aumentou a concorrência e mudou o perfil do consumidor. Segundo Oliveira, "hoje é normal as pessoas procurarem orçamentos em três ou quatro funerárias antes de comprar".

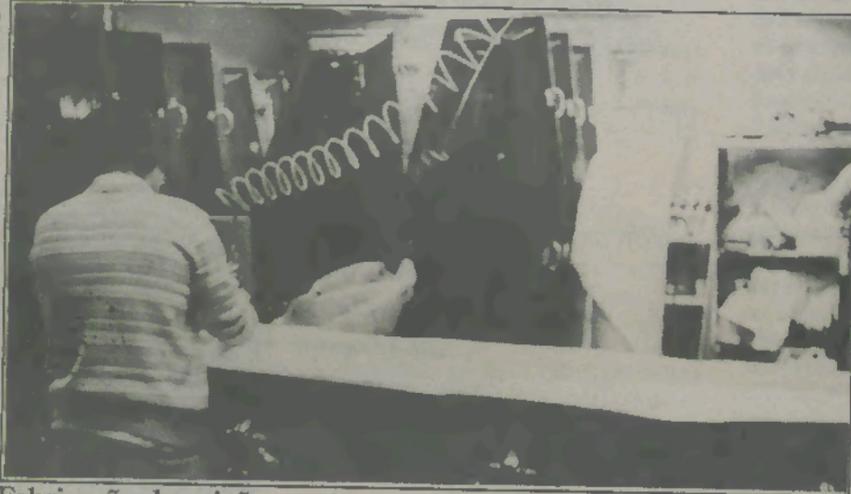
A tabela de preços do SESF para o mês de novembro apresenta 18 modelos de caixões. O tipo popular, de eucatex, com quatro alças e sem forração, custa CR\$ 28 mil. O caixão mais sofisticado sai por CR\$ 317 mil. É uma urna com 100 quilos de madeira nobre, tem tampão esculpado, oito alças de bronze trabalhado e acabamento interno em astracan. Nestes preços, não estão incluídos os serviços do agente funerário e dos acessórios opcionais como coroas de flores, mantos e velas. Com isto, um féretro simples não baixa à cova por menos de CR\$ 38 mil. Já o de maior requinte pode chegar aos CR\$ 380 mil.

SUPER-REFORÇADOS - O mercado das funerárias é dividido entre as grandes firmas, que atendem em várias filiais, e pelos pequenos estabelecimentos, quase sempre administrados por uma família.

A Funerária Requiém, com média de 10 atendimentos por dia, em seis lojas, dá 15% de abatimento sobre os preços do SESF e financia em três vezes. "A crise nos obrigou a uma melhor seleção da clientela para manter a margem de rentabilidade", afirma Ari Bortolotto, proprietário da Requiém. A fábrica da empresa, em Caxias do Sul, tem capacidade para produzir 12 mil caixões por mês, mas atualmente não ultrapassa 50% desta marca. Parte desta produção é exportada para o centro do país.

A Fábrica e Funerária Nossa Senhora dos Navegantes negocia com 30% de desconto sobre a tabela do Sindicato. Com um catálogo de 11 modelos, a empresa aceita encomendas sob medida para tamanhos especiais e super-reforçados. A fábrica produz artesanalmente em torno de 150 caixões por mês. Destes, 30 peças suprem a demanda da loja e o restante é vendido para outras funerárias. O empresário Wilson Xavier dos Santos, há 40 anos no ramo, disse que o volume produzido varia conforme a solicitação. "No inverno aumenta o número de pedidos devido as mortes por doenças causadas pelo frio", afirmou.

MARIE ANGE BORDAS



Fabricação de caixões aumenta no inverno

MUTILADOS - A mesma crise que dificulta a venda de caixões, facilita a contratação de funcionários. "O setor teria dificuldade para preencher o quadro funcional se não existisse o desemprego", disse o Presidente do SESF, Zélio Bentz de Oliveira. A função do agente funerário é prestar todo o serviço para a realização do enterro. Depois de chamado, providencia desde o transporte e a documentação, até o cemitério e o anúncio no jornal. O agente também está preparado para fazer a recomposição do corpo, ou seja, lavar, barbear, vestir, formolizar e tamponizar para evitar vazamentos.

O ambiente de trabalho por onde circulam os agentes funerários abrange hospitais, necrotérios e velórios. O contato e o manuseio de corpos com doenças contagiosas ou que foram mutilados em crimes ou acidentes é uma rotina na profissão. O agente funerário Gilberto Enes, doze anos de profissão, disse que está acostumado com o hábito de túmulo dos cemitérios. "A morte está no cotidiano do nosso trabalho. Mas há certos casos, como a morte de crianças, que ainda chocam", afirmou. Nas grandes funerárias, a remuneração de um agente varia, conforme as vendas, entre 4 e 6 salários mínimos mensais.

Na funerária Requiém, de cada quatro pretendentes ao cargo, dois desistem na primeira semana de trabalho. Os candidatos a agente funerário recebem treinamento e orientação de como exercer uma profissão que trata com clientes emocionalmente abalados. A determinação é vender o produto de acordo com as posses do consumidor. Muitas vezes pessoas desorientadas e nervosas encomendam, como última homenagem ao parente morto, um enterro luxuoso. Cabe ao agente verificar se aquela decisão se compatibiliza com a situação financeira da família e, caso contrário, orientar para uma escolha mais racional. E há também ocasiões onde, o agente percebendo que a opção do consumidor ficou aquém de suas possibilidades, deve usar táticas de persuasão para tentar uma venda melhor.

MONOPÓLIO - A abertura de novos

estabelecimentos para comércio de artigos mortuários está proibida. em 1986, o então Prefeito, Alceu Collares, sancionou uma lei para conter a proliferação das funerárias. A medida garantiu reserva de mercado para as 30 empresas que na época atuavam no ramo. Só será fornecido alvará para o setor quando a cidade alcançar a proporção de uma funerária para cada 100 mil habitantes.

A atual administração do município quer alterar a lei para evitar a formação de um monopólio. Em 1991, a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC) realizou um estudo sobre as funerárias para obter dados a fim de modificar a legislação. A SMIC espera que os empresários participem da elaboração das novas normas. Entre as possibilidades em análise no setor jurídico da Secretaria está o modelo adotado em Curitiba que transformou as funerárias em concessionárias do serviço público. O SESF rebate o convite, argumentando que o mercado está saturado e a lei em vigor adotou os mesmos critérios das maiores cidades do mundo.

Se a legislação não for modificada, a próxima empresa funerária só vai abrir as portas quando a população atual de Porto Alegre tiver triplicado. Até lá os caixões norte-americanos com conforto e suco de laranja já deverão ter chegado por aqui. (Nelson Furtado)

CAIXÕES

Os mais vendidos são os três tipos mais baratos:

1. Popular, de eucatex, 4 alças, CR\$ 28 mil
2. Popular, de madeira, 6 alças, CR\$ 33 mil
3. Urna sem visor, madeira envernizada, 6 alças, 38 mil

O menos vendido:

A cada 100 encomendas é vendida uma urna tipo Paris de Coluna com madeira maciça, tampão esculpado em alto relevo e ferragem de bronze. Preço CR\$317 mil.
Funeral
Preço médio: CR\$ 38 mil

MORTALHA

Caixão

Há cerca de 5 mil anos atrás, não haviam caixões. Os defuntos eram colocados diretamente na terra, em buracos, árvores ocas ou cavernas. O caixão foi uma invenção dos gregos. Eles foram os primeiros a perceber que a decomposição dos corpos gerava pestes e calamidades. Desde então o morto é lavado, vestido, colocado num recipiente hermético e enterrado a dois metros de profundidade.

Luto

No Ocidente, o preto associa o luto às trevas, ao mundo dos mortos, a perda definitiva. Na China, ao contrário, é o branco que predomina nos funerais. Para os chineses a morte é interpretada como um renascimento, e a cor branca representa a felicidade e a prosperidade que o falecido encontrará no além-túmulo. Já os ciganos trajam vermelho nos enterros para celebrar a vida e a energia física.

Túmulo vazio

Os gregos e os romanos tinham o costume de erguer um cenotáfio, monumento fúnebre à memória de um morto, mas que não comportava o corpo. Na Grã-bretanha, o túmulo vazio é uma tradição desde o século VII a.C. quando milhares morreram numa guerra náutica com os celtas. A busca dos corpos era geralmente em vão. Daí criou-se o cenotáfio pra homenagear os guerreiros que, tragados pelo mar, não puderam ter uma sepultura na terra.

Egito

O povo egípcio se preocupava com a performance dos faraós no além. Acompanhava o defunto, no sarcófago, um exemplar do "Livro dos Mortos" para ser consultado caso a alma tivesse problemas no julgamento ante o deus Osíris. O faraó era sepultado nas pirâmides levando também alimentos, tesouros, mobília, animais e até escravos. Se fosse absolvido por Osíris, o soberano teria a estrutura necessária para desfrutar a vida eterna que ganharia em outro plano.

Morte persegue ídolos do rock

1959. Um avião cruza o céu dos Estados Unidos transportando três ilustres nomes do recém surgido rock n'roll - ou música do demônio, como então o definia a conservadora sociedade yankee. O que Buddy Holly, Richie Valens e Big Bopper não esperavam é que aquele seria o último vôo de suas meteóricas trajetórias, interrompido por uma avassaladora tempestade de neve.

1960. Londres, Inglaterra. Um acidente automobilístico interrompe abruptamente a carreira de Eddie Cochran e afasta Gene Vincent dos palcos e gravações, devido a um problema causado em uma das pernas. Donos de carreiras tão curtas quanto seus fulminantes hits, os primeiros rockers inaugurariam o extenso rol de mortes do rock à base de óleo e combustível.

Seguindo a trilha de seus antecessores, vários outros músicos tiveram suas vidas ceifadas pelos mais diversos meios de transporte. Jatos, helicópteros, ônibus, motos e automóveis foram os responsáveis - nesta ordem - pelas mortes do soul man Otis Redding, em 67, do guitarrista Stevie Ray Vaughan, no fim da década de 80, de Cliff Burton, baixista do grupo Metallica, em 86, do baterista do Echo & the Bunnymen, Pete deFreitas, em 89, e de Stiv Bators, líder do Lords of the New Church, em 90. Um fato curioso é a morte de Nicholas Razzle Dingley, baterista do Hanoi Rocks, em um acidente de carro provocado por outro roqueiro em 84. O culpado foi Vince Neil, vocalista do Mötley Crue, que ficou um mês atrás das grades e gastou 200 horas do seu valioso tempo prestando serviços à comunidade de Los Angeles.

EXCESSOS - O circo do rock traz consigo uma atração quase inevitável pelo uso - e abuso - de químicos. Falecidos importantes tiveram uma relação de profundo afeto por drogas dos mais variados tipos, até que as mesmas os levassem, das maneiras mais esdrúxulas, para outras paragens. Suspeita-se, por exemplo, que a causa mortis de Elvis Presley não foi nada mais nada menos que falta de comida! Circulando com avidez entre estimulantes e tranquilizantes, o "rei" simplesmente recusava-se a ingerir qualquer alimento, perdendo as forças por completo em 77.

Dentre as mortes famosas, existem algumas coincidências que chegam a ser assustadoras. Três dos maiores "jotas" de todos os tempos - Janis Joplin, Jimi Hendrix e Jim Morrison - partiram aos 27 anos, por



Buddy Holly: queda de avião

motivos semelhantes, entre 70 e 71. Janis afogou-se na heroína, Jimi em seu próprio vômito - por excesso de barbitúricos - e Jim na banheira de seu apartamento, provavelmente entupido de ácido. Já John Bonham, baterista do lendário Led Zeppelin, esperou uma década para juntar-se a seus companheiros de letra. Aos 32 anos, complicou-se com seu vômito - a exemplo de Hendrix - durante uma bebedeira na casa do colega de banda, Jimmy Page.

RESISTÊNCIA - Por outro lado, muitos resistiram à detonação generalizada e seguem vivos da silva. "Eu quero morrer antes de ficar velho", alardeava Pete Townshend, do grupo inglês The Who, em 65. Na verdade, ele bem que tentou, injetando gramas e gramas de heroína

nas veias por vários anos. Hoje em dia, já longe do vício, Townshend promove shows para bancar o tratamento de viciados. Outros astros seguiram por vias semelhantes. Eric Clapton e Keith Richards, por exemplo, trocaram todas as suas preciosas gotas de sangue em clínicas suíças para livrar-se da morte iminente. Já James Taylor e Iggy Pop amargaram anos em clínicas de recuperação, sofrendo as náuseas e tremores da síndrome de abstinência.

Mas longevidade para valer é assunto para os blueseiros - os pais negros do rock n'roll - que já viram muitos de seus filhotes irem mais cedo para o chuveiro. Gigantes como John Lee Hooker, Buddy Guy, Bo Diddley e Albert Collins passaram lotado pelos 60 - idade invejável para a maioria dos roqueiros - e seguem gravando discos e pulando como adolescentes nos palcos espalhados pelo mundo a fora. Sem deixar, é claro, a biritada de lado.

VARIEDADE - Além de drogas e acidentes, a morte atinge o rock de diversas outras maneiras. Assassinatos, por exemplo, tiraram a vida de John Lennon, Marvin Gaye e Peter Tosh. O que difere um caso do outro são os autores dos crimes. O ex-beatle foi baleado por um suposto fã, enquanto Gaye perdeu a vida pelas mãos do próprio pai e Tosh encontrou Jah-deus da turma do reggae - durante um assalto a sua casa. Seguranças de boates também concorrem para diminuir

a alegria dos admiradores da música. Jaco Pastorius, um dos mais influentes baixistas do jazz-rock, foi morto durante uma briga com leões-de-chácara em 87.

Doenças e suicídios, por sua vez, deixaram para a eternidade alguns ídolos de diferentes tribos. Bob Marley, o papa dos dreadlocks, cumpriu sua missão pacifista até os 36 anos, quando morreu de câncer. A tragédia abateu-se de outra forma sobre os góticos. Ian Curtis, vocalista e letrista do Joy Division, decidiu levar a cabo seus ditos desesperados e negativos, colocando fim a sua existência em 80, aos 23 anos. Até a AIDS - pavor do final do século - já começou a mostrar suas garras ao vitimar Freddy Mercury, vocalista do Queen, em 92.

ABSURDOS - Ingerir seus próprios excrementos, vomitar sobre o público e botar fogo nos instrumentos, além de enfiar o microfone em lugares nada aconselháveis, foi a saga do grotesco G.G. Alin até sua partida desta para - com certeza - a melhor. Músico de pouca expressão - cometia uma mistura de hardcore com noise alucinado, sem nada de mais - Alin chamava a atenção por sua demência. Há dois meses, saiu de um show procurado pela polícia e foi encontrado morto com heroína saindo pelos tubos. Com certeza, conseguiu seu lugar na história.

Absurda também foi a proposta de uma agência austriaca ao rolling stone Mick Jagger, que permane-

ce intacto até o momento. De olho em suas cinzas mortuárias, os empresários pretendiam comprá-las antecipadamente por 20 milhões de dólares. O objetivo era usá-las em ampuhetas especiais de três minutos para cozinhar ovos moles, que seriam vendidas pela bagatela de um milhão de dólares cada! Lenda ou pura verdade, Jagger preferiu evitar o olho grande e permanece mais vivo do que nunca. (Paulo Ramos)



O Elvis dos últimos dias.

IRONIAS COTIDIANAS



Nascidos para morrer

Da realidade dos laboratórios aos filmes de terror, a distância é grande.

As gaiolas fétidas, cientistas mórbidos e muito sangue dos fotogramas, na vida real dão lugar a assépticos biotérios onde pesquisadores seguem princípios éticos para a experimentação animal.

O único ponto onde ficção e realidade se encontram é no final: seja vilão ou “colaborador”, o animal de laboratório sempre morre.

O Cinema de terror produziu dezenas de filmes onde os vilões eram animais de laboratório, que de alguma maneira - geralmente inacreditáveis mutações genéticas - transformavam-se em criaturas pavorosas e assassinas. De superstars em filmes como *Aracnofobia* e *A Mosca*, a nojentos coadjuvantes em filmes B, animais das mais variadas espécies revertiam o jogo, tornando-se senhores do destino humano. Das gaiolas às ruas, ratos, tarântulas, macacos, cães e cia. aterrorizavam os cientistas que transformavam seus organismos em tubos de ensaio.

Aqui no mundo real, histórias de cobaias rebeldes parecem só ficção, mas em compensação, há alguns anos a Europa assistiu a cenas quase cinematográficas de ataques terroristas a laboratórios que utilizam animais para experimentação científica. Os defensores dos animais, movidos por uma duvidosa “solidariedade”, pregam o fim destes “campos de extermínio” e o “fim de toda e qualquer experiência com animais”. Alguns sugerem ainda que “estes pobres animais” sejam substituídos por fetos, presidiários e imigrantes, ou quem sabe, crianças do Terceiro Mundo. Não, esta frase não saiu de mais um roteiro cinematográfico de gosto duvidoso. De cinematográfico neste “imbróglio” só a fama de uma das mais radicais “partidárias” dos animais, Brigitte Bardot, e suas afirmações bombásticas, como: “só me preocupo com relações entre humanos quando elas se referem aos animais”.

Do lado oposto a estes ferrenhos defensores, estão cientistas, pesquisadores, médicos, biólogos que optaram por endurecer a emoção em prol do desenvolvimento científico. “Nas primeiras vezes que eu sacrifiquei eu chorei”, “Tem que fazer um bloqueio ou então acabar com a pesquisa”, são frases comuns na boca destes “carascos”, que enfrentam o dilema entre a emoção e a ciência. Em sua maioria todos encaram a morte dos animais que sacrificam como uma contingência inevitável, o velho ciclo da sobrevivência onde alguns devem morrer para que outros possam viver.

COBAIAS & PESQUISA

Criados para morrer, os animais de laboratório representam muitas vezes a única chance de vida para seres humanos. Devemos a eles o desenvolvimento de



um número infinito de pesquisas fundamentais na área da saúde. A medicina certamente não seria o que ela é atualmente sem o seu sacrifício. Dos 76 prêmios Nobel de Medicina distribuídos até 1990, 54 recorreram a experimentação em animais.

Os animais têm várias utilidades para a ciência: são utilizados não só como cobaias para novos remédios, como são imprescindíveis no estudo de doenças e na elaboração de medicamentos (como soros), na formação acadêmica, compreensão de ecossistemas e em estudos relativos a sua própria preservação. Mas contrário ao que muitos pensam, estes animais são dificilmente recolhidos nas ruas ou na natureza. A grande maioria dos animais de laboratório são literalmente “criações” de laboratório. Cobaias, ratos e camundongos de linhagens especiais vêm sendo criados há quase dois séculos por cientistas. As primeiras experiências com camundongos datam do início do século XIX na Europa, quando iniciou-se o estudo da genética. A partir daí camundongos comuns elevaram seu status de “peste/praga” para “organismos produtivos”. Estava selada então sua sina no corredor da morte.

Atualmente não é mais necessário uma flauta encantada para atrair ratos para dentro do labo-

ratório. Grandes empresas especializaram-se em produzir animais em larga escala para suprir as necessidades das mais variadas pesquisas. São linhagens produzidas especialmente para laboratórios, como por exemplo a BALB/C e a C57B2/6 utilizadas na pesquisa sobre Mutagenese e Antimutagenese desenvolvida no Departamento de Genética da UFRGS. Estes camundongos pretos, importados dos Estados Unidos há mais de 10 anos, foram selecionados para a pesquisa por serem homocigotos, ou seja, têm genótipo homogêneo. Por mais que possa revoltar certos puristas, os camundongos são os animais de laboratório com organismos mais semelhantes ao metabolismo humano.

Diferente do que a imaginação popular possa pensar, estes animais são criados em lugares limpos e arejados: os biotérios. É no Biotério da UFRGS que a Prof. Maria Clara da Luz mantém os quase 90 descendentes dos primeiros casais de camundongos americanos. Bem tratados e alimentados, estes camundongos vivem em média 6 meses, ao fim dos quais estão prontos para serem pesquisados. Neste caso isto significa um período de uma a duas semanas de *far niente*, alimentando-se de sucos de frutas e chás. Ao final deste período os animais são eterezados (anestesiados) e sacrificados, através de deslocamento cervical, para que possam ter suas células analisadas. Por mais curto que este tempo possa parecer, vale lembrar que fora do cativeiro nenhum destes animais duraria mais de uma hora.

É lógico que este tipo de experimento pode ser até considerado como um “spa” para as cobaias, comparado a outras pesquisas que exigem tratamentos bem menos “agradáveis”; tanto para o animal quanto para o pesquisador. Afinal, por mais que se torne um ritual habitual, decapitar um ser vivo - como ocorre em algumas pesquisas que estudam o sistema nervoso, por exemplo - não deve ser uma experiência das mais estimulantes; por mais que os mórbidos cientistas do cinema tentem nos convencer do contrário, esfregando as mãos com um prazer quase sádico ao decretar a pena capital. (Marie Ange Bordas)



Macaco “salvo” por uma brigada anti-viviseção na França.